

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

O mito das mulheres de branco: exercícios semióticos na adaptação audiovisual das lendas locais das comunidades tradicionais de Ilha Rasa e Ilha das Peças – Guaraqueçaba - PR¹

Fábio de Carvalho Messa²
Rafael Patrik Procopiuk Walter³
Nathani Mirela Valvazori⁴

Resumo

O Projeto PIBID Mídia-Educação nas Escolas das Ilhas de Guaraqueçaba – PR conta com a participação dos estudantes de Licenciatura em Linguagem e Comunicação da UFPR Litoral, que desenvolvem com os estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Ilha das Peças e Colégio Estadual Ilha Rasa, produção de curtas-metragens em vídeo, com os quais dão forma imagética (documental e ficcional) às lendas locais. Realizaram uma adaptação em linguagem audiovisual da lenda do *Pé de Guanandi*, com os estudantes da Ilha Rasa, e d' *A Mulher de Branco* com os da Ilha das Peças, a partir de relatos orais de membros de diferentes faixas etárias das comunidades. Geraram roteiros para ficcionalização e documentação em vídeo das narrativas míticas. Pela primeira vez, na história das comunidades, foram criadas imagens que puderam dar forma e visibilidade às lendas, calcificando-as de vez na cultura local, dando-lhes um caráter de permanência, ressignificada.

Mito; comunidade; mídia-educação.

Introdução

O Projeto de Iniciação Docente – PIBID Mídia-Educação nas Escolas das Ilhas de Guaraqueçaba – PR, tem sido gerido há um ano com a participação de estudantes de Linguagem e Comunicação e de Licenciatura em Artes da UFPR Litoral. Um dos trabalhos que desenvolvemos com os estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Ilha das Peças e Colégio Estadual Ilha Rasa é a produção de curtas-metragens em vídeo, nos quais damos forma imagética (documental e ficcional) às lendas locais.

¹ Trabalho apresentado no GT 1 Relatos de Experiências: Mídia e Tecnologia na Educação do II Encontro de Educomunicação da Região Sul. Ijuí/RS, 27 e 28 de junho de 2013.

² Professor adjunto e coordenador do curso de licenciatura em Linguagem e Comunicação da UFPR Litoral

³ Acadêmico do curso de licenciatura em Linguagem e Comunicação da UFPR Litoral.

⁴ Acadêmica do curso de licenciatura em Linguagem e Comunicação da UFPR Litoral.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Objetivos

Desta vez realizamos uma adaptação em linguagem audiovisual da lenda do *Pé de Guanandi* com os estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Ilha Rasa, e d' *A Mulher de Branco* com os do Colégio Estadual Ilha das Peças, ambos de Guaraqueçaba, litoral do Paraná, a fim de integrar as dimensões da mídia-educação, os conteúdos estruturantes das disciplinas do ensino médio dos colégios das ilhas e a cultural local da comunidade tradicional.

Métodos e técnicas utilizados

A partir de relatos orais de membros de diferentes faixas etárias das comunidades tradicionais, coletados entre os meses de fevereiro/março de 2012, geraram-se roteiros para ficcionalização e documentação em vídeo das narrativas míticas. Pela primeira vez, na história das comunidades, foram criadas imagens que pudessem dar forma e visibilidade às lendas, calcificando-as de vez na cultura local, dando-lhes um caráter de permanência, ressignificada.

Após a finalização da edição, exibimos os curtas de cerca de 10min para ambas as comunidades escolares, o que gerou mais uma etapa do trabalho, que era o de propiciar estudos de recepção. Uma série de argumentos surgiu para reforçar a pertinência do mito e os seus previsíveis deslizamentos de sentidos. A confluência dos repertórios dos diversos sujeitos envolvidos no processo – estudantes, professores e membros da comunidade de Ilha Rasa e de Ilha das Peças, assim como professor e licenciandos da UFPR Litoral – contribuiu para o esclarecimento sobre mitologias modernas e os processos de mediação que as mantêm.

Descrição e discussão do processo de experiência

O Guánandi (*Collophylum Brasilienis*) é a planta de terra baixa que serve para alimentação dos beija-flores. A lenda do Pé de Guanandi consiste na história de uma mulher que dá à luz um bebê natimorto, que é enterrado pelo marido na base do pé do Guanandi, na trilha entre a comunidade da Ponta do Lanço e Almeida, na Ilha Rasa. Após algum tempo, essa mulher passa a sonhar e a delirar com o bebê, de que ele estaria virado na cova. Um dia ela convence o marido a ir até o local para desenterrar o bebê, e

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

lá eles constatam que ele realmente estava virado. Tempos depois, alguns moradores da Ilha Rasa passam a ver a mulher, feito uma aparição.

Esta aparição é geralmente noturna e amedronta quem por ali passa que, além de ver um espectro de uma mulher vestida de branco (talvez de noiva), ainda escuta um choro de bebê. As imagens foram captadas à luz do dia, não foi possível em nenhum dos filmes, realizar cenas externas noturnas, pela falta de equipamento de iluminação apropriados. Nos efeitos de edição, todas as sequencias com as mulheres de branco foram passadas para um filtro em negativo, para realçar a obscuridade e o mistério dos respectivos momentos. Ainda em relação aos after effects, priorizou-se a gravação de ângulos e tomadas trêmulas, para reforçar a ideia de aparição de imagem imprecisa, proveniente de relatos duvidosos. Em certos momentos, criou-se o efeito de sentido às mulheres de branco como se estivessem levitando sobre o caminho.

“O medo da morte é sem dúvida um dos instintos humanos mais gerais e mais profundamente enraizados. A primeira realização do homem para com o cadáver deve ter sido de abandoná-lo à sina e fugir dele, aterrorizado”. (CASSIRER, 1994, p.144)

Já a história da Mulher de Branco, da Ilha das Peças, tem um enredo parecido, com a diferença de que a mulher teria matado propositalmente o seu bebê, depois se arrepende e, por isso, perambula pelo campo de futebol à noite, atrás dele. Houve requinte de crueldade no *modus operandi* do crime da mulher de branco. A diferença entre essa e a primeira é que desta vez ela mata o próprio filho, a outra apenas o enterra vivo por engano.

Foi preciso recorrer a uma boneca em ambas as histórias, de certa forma que se evitassem as tomadas muito próximas em hiperfoclos, para não evidenciar o dispositivo brinquedo. Mesmo que a caracterização exigisse que um dos bebês estivesse ensanguentado, não foi mostrado esse detalhe nas imagens editadas. Apenas os gestos das mãos da mãe, quando esfaqueia o bebê. Procurou-se, também, não mostrar explicitamente quem agia com a faca, para preservar a ideia de uma identidade não confirmada da mulher.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Qualquer outra mulher na ilha, que tivesse seu filho morto por alguma doença ou por uma outra circunstância, era tida como a mulher de branco, a que rejeitava o filho e depois se punia pela culpa, assombrando a comunidade.

O mito das mulheres de branco reforça o temor e a disciplina a que os adultos pretendem inculcar nas crianças. A figura da mulher de branco conota uma espécie de super-ego, controle da comunidade. Proibido passar à noite pela trilha entre Ponta do Lanço e Almeida, na Ilha Rasa, porque lá se pode ouvir a criança chorar, e todos temem a assombração. Já a mulher de branco da Ilha das Peças atemoriza os homens que jogam futebol noturno, sua aparição é a partir de um pequeno vestígio de fumaça que sai de um buraco. Ouve-se ela gritando, clamando, procurando pelo filho assassinado.

As versões videográficas destas narrativas tiveram seus roteiros embasados nas declarações de moradores que serviram de ganchos informativos para intercalar com pequenas digressões ficcionais. Isto envolveu o trabalho de produção dos estudantes para compor perfil de personagens, escolher figurino, montar cenografia, realizar maquiagem e, essencialmente, gravar e dirigir as cenas.

A partir da concepção da subscrição da memória coletiva sobre as lendas e histórias que fazem parte da cultura caiçara, e na perspectiva da mídia-educação, foram coletados diversos testemunhos sobre a Lenda do Pé de Guanandi e da Mulher de Branco, em material audiovisual gravado em memória HD. Vale reforçar que aqui se vislumbra a Mídia-Educação centrada em três dimensões: a de objeto de estudo e análise, no qual se aprimora a leitura crítica da mídia; a de recurso pedagógico, reforçando-a como instrumento a ser utilizado no processo de aprendizagem; e enquanto forma de expressão, favorecendo o protagonismo do estudante nas mídias utilizadas.

Após decupagem, transcrição e análise dos relatos, procedeu-se à elaboração de um roteiro de curta-metragem que mesclasse tanto elementos ficcionais quanto documentais. Dos aspectos documentais, foram preservados os relatos reais dos membros da comunidade, e a partir deles, o grupo criou/produziu as imagens ficcionais das aparições narradas e descritas na lenda.

“O desafio do projeto é o de criar um ambiente comunicativo capaz de permitir aos integrantes de uma comunidade local e territorializada partilhar as informações concernentes a vida cotidiana.”(...)“Essas

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

mensagens testemunham a necessidade que os integrantes de um bairro têm de partilhar uma memória comum e de se comunicarem.” (CASALEGNO,2006,p.7)

O trabalho de experimentação audiovisual teve por intérpretes e produtores os próprios estudantes do Ensino Médio, auxiliados pelo docente e graduandos da UFPR. Na confecção do roteiro, optou-se por intercalar os relatos com imagens ficcionais, que permitissem ao espectador compartilhar do que seria uma aparição e/ou assombração, utilizando recursos específicos de edição como *fade in e fade out*, filtros de cor e efeitos de áudio.

A imagem da mulher de branco foi captada a partir de ângulos diversos, fechados e circulares, facilitando a visão fragmentada, nebulosa e enuviada, próximas do que para o imaginário do grupo pudesse sintetizar a ideia de aparição e assombração.

A Mulher de Branco, da segunda narrativa foi mostrada mais explicitamente com investimentos em semblantes, sombras e silhuetas, assim como leves close-ups de seu perfil. A atriz favoreceu a experiência, porque conseguiu incorporar a personagem com mais seriedade. Sua aparição no campo de futebol consistia num breve atravessar da quadra, que culminava num posicionamento de joelhos diante do bebê encontrado atrás da goleira. Depois de editado o filme, passou-se à última etapa do trabalho que era o de exibi-lo à comunidade, a fim de observar e registrar índices sobre sua audiência. Reuniram-se, depois de tudo, as impressões do pré e pós-produção, com o respaldo teórico sobre as mitologias narrativas, conforme as considerações do semiólogo Roland Barthes, calcadas nas concepções de comunidade e memória de Federico Casalegno, assim como das diferentes concepções de mito que vão da Antropologia à Psicanálise, tudo sob os pressupostos da mídia-educação.

“O mito é um sistema ideográfico puro no qual as formas ainda são motivadas pelo conceito que representam, sem no entanto cobrir a totalidade representativa desse conceito. E assim como historicamente, o ideograma foi pouco a pouco abandonando o conceito para se associar ao som, tornando-se, portanto cada vez mais imotivado, assim a usura de um mito se reconhece pelo que há de arbitrário na sua significação: Molière inteiro num colarinho de médico.” (BARTHES, p.219)

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Analisa-se, permanentemente, não só os produtos realizados com os estudantes nas escolas, mas principalmente o processo todo que vai do esclarecimento acerca do fenômeno da midiática, passando pela análise dos conteúdos e mensagens, culminando na crítica do próprio produto midiático desenvolvido. Os curta-metragens gravados com os estudantes do Colégio Estadual de Ilha Rasa e do Colégio Estadual da Ilha das Peças, através de uma proposta inclusiva, favoreceram também a reflexão sobre a memória virtual da comunidade. Já que agora se pode dizer (e ter) registros reais (ficcional) sobre as lendas nos arquivos da escola. Se até então só havia os enunciados orais sobre o assunto, agora as comunidade e as escola já têm registros imagéticos sobre as lendas que, mesmo possuindo elementos ficcionais preponderantes, tudo se incorpora como narrativa.

“O sistema Memória Viva, encarna essa perspectiva no sentido de que se quer criar um sistema que, ao menos em suas premissas, não fosse apanágio de uma ciber-elite tecnologicamente alfabetizada, mas antes pudesse ser utilizada por toda a população. O sistema se inscreve nessa lógica, tentando promover a partilha da memória cotidiana e informal, além de buscar tornar acessível não apenas a memória histórica, formal (importante, certamente), mas também a memória vivida e interpretada pelos seres humanos. Nesse sentido, nós nos enfrentamos com um sistema de comunicação aberto, que vibra e vive graças a contribuições das pessoas e que acompanha a existência cotidiana através das alamedas imprecisas do vivido social, ajudando os integrantes de uma comunidade a conquistarem o presente.” (CASALEGNO,2006,p.20-21)

Não se concebe o mito enquanto mentira e ficção, mas sim enquanto discurso, narrativa produzida pela cultura oral, já calcificada na cultura tradicional e que assume um caráter de permanência.

Há uma hibridização dos repertórios dos sujeitos envolvidos no processo. Evidenciam-se os processos inferenciais sobre o mito no repertório dos acadêmicos, assim como os resultados das imagens editadas sintetizam a aglutinação das ideias dos dois nichos em interação – o da comunidade tradicional e o da comunidade acadêmica, sendo que a segunda inferiu sobre os enunciados da primeira, permitindo a livre adaptação para linguagens audiovisuais do que era originalmente verbal e oral.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Entre os signos ressignificados no processo, convém destacar o da imagem fragmentada da mulher, o símbolo do vestido branco (de noiva), a boneca no lugar do bebê, a movimentação da câmera ao redor da árvore e da noiva, e o surgimento, no final da narrativa, de uma menina que dá três pequenos pulos ao pé da árvore. Sobre a imagem da menina, o grupo de acadêmicos inferiu e tentou justificar como se servisse pra aliviar a carga de tensão gerada na audiência, mostrando a inocência e a ousadia do gesto, que tantos temeriam em fazer.

A imagem do bebê foi captada a partir da adaptação de uma boneca, a qual aparecia levemente soterrada (pra não dar a impressão ao espectador de que era realmente uma boneca). Ao final da narrativa, mostra-se uma menina realizando um procedimento que seria, para a lenda local, considerado o chamariz da aparição que é o de dar três pulinhos ao redor da árvore, para que a mulher apareça e o choro da criança ressoe.

Ao mesmo tempo, isso provocou a reflexão sobre a recepção de uma criança dessa faixa etária (cerca de sete anos) quanto às informações repassadas de geração para geração, nas quais vão sofrendo alterações e agregando novos elementos.

Resultados

No processo de recepção do filme editado, foi possível coletar impressões da audiência como comentários sobre erros nos créditos – na digitalização dos nomes dos componentes do grupo; elogios quanto à trilha sonora e sua relação com o incidental de filme de suspense; reações de constrangimento e timidez de alguns atores do processo ao se auto-reconhecerem numa vivência de ficção, que geralmente culminam em risos e gargalhadas; comentários críticos de alguns professores sobre a linguagem e movimentos da câmara – em *slowmotion*, em rotação e panorama.

Ao final da primeira exibição, a comunidade ainda pediu que o filme fosse reprisado, para contemplar alguns que recém haviam chegado na escola, assim como para prestarem melhor atenção em outros detalhes. Diante dessas impressões, comentários e críticas, abriu-se para um estudo de recepção nesse ínterim, do *feedback* do produto (filme) à comunidade, a partir da análise dos conteúdos desses enunciados e reações. Essa análise consistiu em agregar as contribuições da audiência para que os

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

estudantes (da comunidade tradicional e da comunidade acadêmica) fruissem para um esclarecimento fundamentado acerca do funcionamento dos conglomerados midiáticos.

“É por isso que o mito é vivido como uma fala inocente: não porque as intenções estejam escondidas (se o estivessem, não poderiam ser eficazes), mas porque elas são naturalizadas.” (BARTHES, p.223)

A releitura do mito da Noiva do Pé de Guanandi, enquanto sistema semiológico que transpôs o código verbal-oral para o código audiovisual, contribuiu para as inferências de ambas as comunidades (tradicional e acadêmica) sobre o que se considera a instância do imaginário e do simbólico.

“Quanto à significação mítica, nunca é completamente arbitrária, sendo sempre motivada e contendo fatalmente uma parte de analogia. A motivação é necessária a própria duplicidade do mito; o mito joga com a analogia do sentido e da forma: não existe mito sem uma forma motivada.” (BARTHES, p.217-218)

O mito ressignificado pelo olhar da comunidade acadêmica perdurará na memória virtual da comunidade tradicional da Ilha Rasa, pois agora já consta como registro imagético, quando antes era apenas relato oral. Roland Barthes, quando afirma que o mito é uma linguagem, uma fala, um sistema de comunicação, uma mensagem, quer dizer que há um sistema mítico antecessor a todos os outros, por meio do qual se identificam determinados signos. Tais signos são: a imagem fragmentada de mulher, o vestido branco, a boneca substituindo o bebê, as mãos desenterrando o bebê e a menina pulando ao redor da árvore.

“O mundo do mito é um mundo dramático – um mundo de ações, de forças, de poderes conflitantes. Em todo fenômeno da natureza, ele vê a colisão desses poderes. A percepção mítica está sempre impregnada dessas qualidades emocionais. Tudo o que é visto ou sentido está rodeado por uma atmosfera especial – uma atmosfera de alegria ou pesa, de angústia, de excitação, de exultação ou de depressão. Não podemos falar aqui de “coisas” como matéria morta ou indiferente. Todos os objetos são benignos ou malignos, amistosos ou hostis, familiares ou estranhos, atraentes e fascinantes ou repelentes e ameaçadores.” (CASSIRER, 1994, p.129)

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

O processo de ressignificação das lendas do Pé de Guanandi e da Mulher de Branco resulta num sistema em que os signos são conotados e reconotados, agregando valores morais, ideológicos e religiosos, assim como valores expressivos e situacionais, conforme a disponibilidade discursiva das gerações que se encarregam em fomentar o mito, prolongando sua longevidade.

Considerações Finais

O Mito das Mulheres de Branco não é exclusivo da região do litoral do Paraná, e nem da região leste do país, há muitas histórias que envolvem mulheres de branco, pela Paraíba, pelo Centro-Oeste do país, nas regiões da América Latina e da América do Norte. O que tem despertado a curiosidade para as próximas atividades é a de escavar sobre a gênese desse mito, tendo como ponto de partida a verificação dessa ocorrência no imaginário do cinema ocidental.

Referências bibliográficas

- BARTHES**, Roland . *Mitologias*. Tradução de Rita Boungermino, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Rio de Janeiro. Editora Betrand Brasil Ltda, 2007
- CASALENGO**, Federico. *Memória Cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes, diálogos*. Porto Alegre. Editora Sulina, 2006
- CASSIRER**, Ernst. *Linguagem e Mito*. SP: Perspectiva, 1994.
- ROGÉRIO**, Luiz. (org.) *Guraqueçaba: algumas de nossas escolas e comunidades*. Matinhos. Universidade sem fronteiras, 2010
- VON BEHR**, Miguel. *Guarakeçaba – Paraná-Brasil – Passado–presente-futuro*. São Paulo. Empresa das Artes, 1997